



EM BUSCA DE DEUS:
aspectos da religiosidade de Hermann Broch

IN SEARCH OF GOD:
aspects of Hermann Broch's Religiosity

EN BUSCA DE DIOS:
aspectos de la religiosidad de Hermann Broch

Katia Marly Leite Mendonça*

Universidade Federal do Pará.
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia
Belém, PA, Brasil
E-mail: guadalupelourdes@hotmail.com
ORCID: 0000-0002-0547-8500

Isabel Cristina das Neves Oliveira**

Universidade Federal do Pará
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia
Belém, PA, Brasil
E-mail: isabelnevesoliveira2017@gmail.com
ORCID: 0009-0008-7548-232X

RESUMO

Hermann Broch foi testemunha e vítima da ascensão do nazismo que se alimentou da loucura das massas. Este tema foi o elemento central de sua obra ficcional, poética e ensaística. Sua maior preocupação girou em torno da compreensão do mal e da prevenção para que não se repetisse, elaborando, ao longo de sua obra, um movimento que oscila entre dois eixos que se interpenetram: o da racionalidade e o da religiosidade. Nos limites deste artigo abordaremos alguns aspectos da religiosidade de Broch, indicando que, mesmo em suas análises psicossociológicas, a questão do absoluto e da busca por Deus permanece presente. Na primeira parte abordaremos a sua visão acerca das origens sociais do adoecimento das massas; na segunda parte, sua visão espiritual desse processo e na terceira parte abordaremos o tema da espera pela vinda do Cristo.

Palavras-chave: Religiosidade. Hermann Broch. Anticristo. Massas.

ABSTRACT

Hermann Broch was both a witness and a victim of the rise of Nazism, which was fuelled by the madness of the masses. This theme was at the centre of his fictional, poetic and essayistic work. His main concern centred on understanding evil and preventing it from happening again. Throughout his work, he developed a movement that oscillates between two interpenetrating axes: rationality and religiosity. Within the limits of this article, we will discuss some aspects of Broch's religiosity, indicating that even in his psychosociological analyses, the question of the absolute and the search for God remains present. In the first part we'll look at his vision of the social origins of the sickness

* Doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

** Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Pará, doutoranda em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará.

of the masses; in the second part, his spiritual vision of this process and in the third part we'll look at the theme of waiting for the coming of Christ.

Keywords: Religiosity. Hermann Broch. Antichrist. Masses.

RESUMEN

Hermann Broch fue testigo y víctima del ascenso del nazismo que se alimentó de la locura de las masas. Este tema fue el elemento central de su obra ficcional, poética y ensayística. Su mayor preocupación giró en torno a comprender el mal y evitar que se repita, desarrollando, a lo largo de su obra, un movimiento que oscila entre dos ejes interpenetrados: el de la racionalidad y el de la religiosidad. Dentro de los límites de este artículo abordaremos algunos aspectos de la religiosidad de Broch, indicando que, incluso en sus análisis psicosociológicos, la cuestión del absoluto y la búsqueda de Dios sigue presente. En la primera parte abordaremos su visión sobre los orígenes sociales de las enfermedades masivas; en la segunda parte, su visión espiritual de este proceso y en la tercera parte abordaremos el tema de la espera de la venida de Cristo.

Palabras clave: Religiosidad. Hermann Broch. Anticristo. Masas.

1 INTRODUÇÃO

Por que lermos hoje um autor como Hermann Broch? Ainda pouco conhecido no Brasil, sua literatura se revela pujante e profética para o século XXI, o qual apresenta um cenário em muitos aspectos semelhante ao vivenciado por ele na primeira metade do século XX, qual seja, o de uma profunda crise de valores acompanhada da emergência das tentações totalitárias e da violência que as acompanham, seja contra o humano, seja contra a natureza, com o agravante de contemporaneamente o processo ocorrer em meio a circunstâncias mais perigosas em razão do avanço tecnológico que concorre para o *sonambulismo* das massas, para usar os termos de Broch. Massas que, como na primeira metade do século XX, são portadoras temerárias da destruição das democracias. Esta é, podemos dizer, uma era à beira da loucura coletiva como analisado e descrito por Broch, *poeta à sua própria revelia*, como disse sua amiga Hannah Arendt (2008), mas também, ensaísta de peso e de profundidade que merece e deve ser estudado e retomado neste século.

Hermann Broch foi testemunha e vítima da ascensão do nazismo que se alimentou da *loucura das massas*, tema que foi central em sua obra ficcional, poética e ensaística. Embora trace um panorama (Broch, 2008a; Broch, 1990) em muito influenciado por Max Weber ao adotar a hipótese da degradação dos valores como central na tentativa de explicação dos movimentos de massa do século XX, receberá também influências de Platão, de Kant, dos neokantianos, de Freud, passando por Martin Buber, Jung e Hermann Cohen. Há, contudo, em Broch um elemento pouco mencionado pelos estudiosos: a religiosidade, a busca pelo absoluto, o elemento místico que atravessa sua obra e que faz dele como disse Franklin de Oliveira (1982), um místico que ignorou essa condição. De origem judaica e convertido ao catolicismo, ele iria testemunhar o adoecimento das massas que conduziram Hitler ao

poder. Diante disso, sua maior preocupação girava em torno da compreensão do mal e da prevenção para que não se repetisse, elaborando, ao longo de sua obra, um movimento que oscila entre dois eixos que se interpenetram: o da racionalidade e o da religiosidade, ou, entre o *empírico* e o *místico* (Hardin Jr, 1970). Sua religiosidade, como ressalta Claudio Magris, faz com que ele ultrapasse tanto os nostálgicos da velha ordem, quanto os profetas do niilismo. A eles, Broch contrapõe o sentido da vida com uma “religiosidade não-confessional, caracterizada por uma simbiose original do judaísmo e do catolicismo” (Magris, 2004, p. 267)¹. Outros estudiosos nele identificam uma *singular religiosidade cristã* (Gioia, 2017), ou uma “não dogmática religiosidade” que se revelava em todos os aspectos de sua vida (Hollweck, 2011, p. 356).

Nos limites deste artigo abordaremos alguns aspectos da religiosidade de Broch, indicando que, mesmo em suas análises psicossociológicas, a questão do absoluto e da busca por Deus permanece presente. Na primeira parte abordaremos a sua visão acerca das origens sociais do adoecimento das massas; na segunda parte, sua visão espiritual desse processo e na terceira parte abordaremos o tema da espera pela vinda do Cristo.

2 AS ORIGENS SOCIAIS DO ADOECIMENTO DAS MASSAS

O adoecimento psíquico das massas (que volta ao cenário das discussões contemporâneas) foi um tema importante na primeira metade do século XX para Freud, Jung e Canetti, que inspiraram Broch e, para pensadores, seus contemporâneos, como Arendt e Buber, entre outros, que testemunharam o papel decisivo e catastrófico delas nos acontecimentos envolvendo a ascensão do nazifascismo. Inspirado por uma platônica desconfiança das massas e de seus líderes, sociologicamente Broch (2008a) analisa a loucura coletiva tendo como fundamento a destruição dos valores que sustentam os laços sociais na medida em que estes não mais se orientam por um absoluto e sim por infinitas esferas de valores totalmente independentes entre si. Tal questão é de suma importância para ele que a considera estar na base do adoecimento psíquico e espiritual das massas que levam a humanidade a um estado de perigo diante do qual *todos* devem assumir a responsabilidade:

Todos conhecem a loucura que tomou conta do mundo hoje. todos sabem que eles próprios estão participando dessa loucura, como vítima ativa ou passiva. Todos sabem do perigo a

¹ [...] religiosidad no confesional, caracterizada por una original simbiosis de judaísmo y catolicismo, que encontramos también, aunque en modo distinto, en Joseph Roth.

que estamos expostos, mas ninguém é capaz de identificar a ameaça, ninguém sabe de onde ela vem, ninguém é capaz de identificá-la, ninguém é capaz de encará-la de frente ou de agir. Ninguém é capaz de enfrentá-la ou de se proteger de forma eficaz. A humanidade está pronta para cair em uma loucura coletiva. Isto não é um segredo para ninguém e, portanto, deveria ser um problema para todos (Broch, 2008a, p. 13, tradução nossa)².

O alerta acima foi dado em *Théorie de la Folie des Masses*³ — ensaio correlato à *Massa e Poder*, de seu amigo Elias Canetti. Nele, Broch tenta compreender e buscar elementos para prevenção do movimento catastrófico ocorrido na primeira metade do século XX. O que ele detecta é que, em suas distintas gradações, a loucura das massas caminha de mãos dadas com o processo de sedução coletiva, o *encantamento*, de que também falaram, no plano ficcional, entre outros, Camus em *A Peste* e Ionesco em *O Rinoceronte*.

Diante da impossibilidade moral de, em face ao mal, sustentar uma experiência estética sem compromisso com a resistência política e espiritual, Broch busca uma literatura comprometida com um “efeito didático” (Broch, 2008b, p. 90) a fim de que o fenômeno nazifascista não se repetisse e que no futuro a democracia e os direitos humanos fossem preservados enquanto valores absolutos. Assim é que, analisando a dimensão social do avanço do nazismo sobre o coletivo, Broch retoma a questão do sujeito e da tensão entre as responsabilidades éticas coletivas e individuais. A enfermidade do nazifascismo, como analisada por ele, vai além de um processo político e reside no interior de cada homem⁴. Sua obra, deste modo, é essencial para uma aproximação da compreensão do fascismo enquanto uma “doença espiritual do mundo moderno” como diria Ricoeur (1948, p. 89).

De Weber e dos neokantianos, ele incorpora a questão dos valores como hipótese central na abordagem da gênese e da manifestação do nazismo. A primeira grande elaboração desse tema será *em Os Sonâmbulos* (Broch, 2016), um marco da literatura do século XX. Nele, formalmente, Broch mescla a novela o ensaio e a poesia, construindo personagens polifônicos para caracterizar os períodos de gestação do nazismo. Pasenow, Esch e Hughenau não apenas correspondem cronologicamente às eras de maturação do ovo

² Chacun sait quelle folie s’est aujourd’hui emparée du monde, chacun sait qu’il participe lui-même à cette folie, comme victime active ou passive, chacun sait donc à quel formidable danger il se trouve exposé, mais personne n’est capable de localiser la menace, personne ne sait d’où elle s’apprête à fondre sur lui, personne n’est capable de la regarder vraiment en face, ni de s’en préserver efficacement. L’homme est prêt à tomber dans un égarement collectif, ce n’est un secret pour personne et ce devrait donc être un problème pour tout le monde.

³ Nossos agradecimentos especiais à Maria de Lurdes Santana que, do Canadá, fez chegar até nós este livro fundamental de Hermann Broch.

⁴ Essa perspectiva seria também a de Ricoeur que aponta a demissão voluntária que cada qual faz de sua “liberdade positiva e construtiva para se prostituir perante os demônios representados pelo patrão, pela raça, pelo partido único” (1948, p. 89) e por Gabriel Marcel (2022), para quem o mal encontra alianças no interior de cada indivíduo.

da serpente, mas revelam, também, o processo de adoecimento das personalidades e da sociedade — com a destruição da dimensão ética e espiritual dos indivíduos — que iriam acolher a mentalidade e a liderança nazista⁵. Esse tipo de liderança, que conduz ao mal e ao caos será o tema de *O Encantamento* (Broch, 1990) onde Broch, inspirado em Hitler, abordará a sedução das massas. A narrativa se passa em uma pacata aldeia que recebe a visita de um vagabundo desconhecido, Marius Ratti. De início os moradores o repelem e dele fazem chacota, até que cada um vai sendo envolvido por sua sedução e aderindo às suas ideias pseudomísticas que se centram na santidade da terra, do sangue do povo e na promessa de redenção, instilando o ódio e a divisão entre as pessoas. Como falso profeta que é, Marius Ratti na defesa de suas ideias não hesitará em estimular a massa a sacrificar a jovem Irmgard. Sua maior adversária, contudo, será Mãe Gisson, uma mulher idosa que encarna a sabedoria e verdade do universo camponês. Após sua morte, quando ocorre a volta à normalidade da vida da aldeia, Broch expressa a esperança em um futuro utópico com uma nova religiosidade para o mundo, a partir do nascimento do filho de Agathe (Broch, 1982, p. 332); esperança que é, decerto, agostiniana, como a de Hannah Arendt (1983)⁶, diante do nascimento de uma criança.

Com isso Broch pretendeu, como ele mesmo disse, “expressar o realmente humano, tal como surge nas profundidades da alma” através de uma “literatura ética” (Broch, 2008b, p. 90) que, didaticamente, conseguisse chegar ao público em um quadro como o do nazifascismo em que “perdeu-se para sempre o humano” (Broch, 1990, p. 336).

Mas, será em *A Morte de Virgílio, escrita em 1945*, que Broch construirá uma das mais potentes imagens das massas históricas já elaboradas pela literatura, ao descrevê-las, aguardando César Augusto no porto de Brundísio, como bestial, sem qualquer valor que as orientasse a não ser a adoração ao seu ídolo, o líder; massas com o *dom abismal* de lançar o mundo na destruição e na escuridão; massas na qual o humano, rompido os laços da intersubjetividade, se transforma em *anti-humano*. Massas totalmente incontroláveis e, por isso mesmo, carregando o mistério do mal e da calamidade⁷:

Então, sim, chegara o momento tão esperado pela massificada, inerte besta humana, ávida de soltar seus berros jubilosos, e logo estes explodiam, sem pausa e sem fim, triunfantes, arrebatedores, indômitos, temíveis, grandiosos, submissos, venerando a si próprios na

⁵ De modo embrionário, o adoecimento coletivo fora prefigurado por Dostoievski em *Os Possessos* (ou *Os Demônios*), verdadeira profecia literária (Mendonça, 2020) que avança muito além da presciência acerca da emergência do bolchevismo na Rússia, como identificado por Joseph Frank (2008). Marius Ratti e Stavrogin são personagens que se assemelham em seu poder de manipulação, de sedução e de destruição.

⁶ Ver acerca da natalidade em Agostinho e em Arendt: Almeida, 2013; Correia, 2007.

⁷ Dostoievski (1999), em *Os Possessos*, também descreve a multidão descontrolada, uivando e gargalhando, no baile final da aldeia que, a seguir, seria incendiada.

pessoa do ser único. [...]. E essa era a massa sem a qual seria impossível tratar de política e na qual o próprio Augusto teria de apoiar-se, desde que desejasse manter-se no poder; e obviamente o Augusto não nutria outro desejo que não este (28-29)[...] era o fenômeno do dom abismal, peculiar do povo, de provocar calamidades em toda a sua extensão, a degradação do homem, a ponto de converter-se em vulgacho metropolitano, e em consequência dela, a transformação do homem no anti-humano, causada pelo esvaziamento do ser, pela metamorfose do ser, que se tornava vida na superfície, meramente impelida pela cobiça, desprovida e separada das suas raízes primordiais, de modo que nada sobrava que não a sinistramente isolada vida própria de uma simples e obtusa exteriorização, pejada de calamidade, de morte, ah sim! pejada de uma conclusão dubiamente infernal. (31).[...] Nunca antes experimentara o poeta de modo tão direto a calamidade oriunda da massa; nesse instante, porém, ficava forçado a percebê-la, a senti-la nas derradeiras profundezas das raízes do próprio ser, uma vez que a cegueira é, ela mesma, parte da calamidade. (...) estrugia o mistério prenhe de calamidade, insondável e todavia indistinto, onipresente (Broch, 1982, p. 31-32).

A grande mobilização das massas feita pelo nazifascismo se deu em um contexto de destruição do sistema de valores do qual emerge o líder que, através das armas da mentira e do medo, as manipula e as lança no pânico; processo de difícil reversão onde, em busca de uma compensação para suas angústias, elas buscam um bode expiatório, uma representação do “mal encarnado”, que possa servir como “um símbolo concentrado de seus medos difusos” (Sterling, 2022, p. 338). Analisando as forças psíquicas irracionais, com seus extremos de êxtase e de pânico que são mobilizadas pelo fascismo, Broch prescientemente adverte para um futuro que se faz presente no século XXI, qual seja o de que as revoluções e as guerras serão travadas potencialmente no campo psicológico, como ele enfatiza ao longo de *Théorie de la Folie des Masses*. Esses estados psíquicos correspondem a estados onde o sistema de valores — entendidos como “sistemas complexos de atitudes e comportamentos” que orientam como modelos a realidade, atuando como uma “estrutura de contenção” do pânico e do medo — em sendo destruídos, podem resultar em um “desejo de autodestruição” onde predominam “pulsões de morte específicas”, segundo Broch (2008 a, p. 49), como tinha sido detectado por Dostoievski em *Os Possessos*.

3 A DIMENSÃO ESPIRITUAL DA DOENÇA

Mas, paralelamente à perspectiva dos valores, Broch também elabora uma teopoética na qual expressa a dimensão mística de sua personalidade, o *homo religiosus* em uma eterna busca de sentido da qual emerge a tensão, não resolvida em sua obra, entre uma compreensão racional do problema da loucura das massas, no que recorre à psicologia e à sociologia, e uma compreensão espiritual. Ele sabe que nenhuma delas esgota o problema do mal, que continua inalcançável, porém, o poeta percebe que, para além da explicação

racional, há a dimensão espiritual do problema que reside na alma humana. É assim que no pós-escrito ao *O encantamento* ele coloca em dúvida a dimensão racional em favor da espiritual. Segundo ele todas as *descrições objetivas* de Hitler, dos *pogroms* e dos horrores, embora historicamente factuais, são *afirmações vazias* porque as respostas se encontram na *alma individual* e é a ela que teremos de interrogar:

perguntar-lhe por que de que maneira ela se entrega a esse acontecimento em si incompreensível, que chamamos comportamento de psicologia de massas. Sim, o fato de ser incompreensível exige essa pergunta: dentro do psiquismo de massas o indivíduo está pronto a aceitar como verdade as mais grosseiras mentiras, conquistam-se homens de grande lucidez e autocrítica para os mais fantásticos empreendimentos, irrompem tendências arcaicas que se pensava estarem há muito no abismo dos tempos, surge um pensamento mítico dentro de toda a racionalidade — *só a alma individual*, que se torna presa dessas coisas incompreensíveis, pode nos revelar alguma coisa a respeito disso.[...] faz parte da natureza destes tempos, que substituam o religioso por uma veneração quase frenética ao natural; essa mudança de direção é motivada por racionalizações higiênicas, esportivas e outras, mas naturalmente tem *razões bem mais profundas, metafísicas* (Broch, 1990, p. 335-336, grifos meus).

Essas dúvidas com relação à explicação racional não tornam Broch um anti-intelectual. Ele nunca negou a importância da ciência, mas sabia que o entendimento humano comporta também uma dimensão irracional⁸ e fazia questão de levantar isso em um mundo hiper-racional que surge a partir da destruição dos valores. Assim, ele reconhece que se está diante do irrazoável, do irracional, do ilógico, da impossibilidade hermenêutica de se abordar a doença coletiva ou do esgotamento de toda linguagem para compreender o mal. As tentativas de compreensão empreendidas por ele exigem, acima de tudo, a volta do olhar para o espírito do indivíduo, para as profundezas da alma do ser humano, onde reconhece que o mistério da existência persiste para além de toda ciência, arte ou religião, que o conhecimento alcançado pelo ser humano “continuará a ser uma parte ínfima da experiência da qual se intui muito mais, uma pequena parte da amplíssima visão em escala cósmica e infinita, uma pequena parte descritível do eternamente indescritível” (Broch, 2020, p. 57, tradução nossa)⁹.

⁸ “Em toda busca autêntica de entendimento, além de toda a racionalidade necessária tal como ela é retratada pela matemática, a corrente do misticismo flui inegavelmente, alimentada pelas mesmas razões de ser da própria racionalidade.” (Broch *apud* Cliver, 2019, p. 113). “In every authentic pursuit of *Erkenntnis*, beside all of the necessary rationality as it is portrayed by mathematics, the stream of mysticism flows along undeniably, fed by the same reasons for being as the rational itself.”

⁹ Lo alcanzado seguiría siendo una parte minúscula y de ínfimo valor en comparación con la indomeñable montaña de conocimiento, seguiría siendo una parte ínfima de la experiencia que intuye mucho más, una pequeña parte de la amplísima visión a escala cósmica e infinita, una pequeña parte descriptible de lo eternamente indescrptible.

Espiritualmente o homem de massas, contaminado pela doença coletiva, irá sofrer “uma desintegração de toda a sua vida e de suas experiências, uma desintegração que atinge profundidades muito maiores do que uma simples dissociação em indivíduos isolados; é uma desintegração que desce às entranhas de cada indivíduo e à sua própria realidade constitutiva” (Broch, 2016, p. 496). Mas, como toda doença contagiosa, isso é um risco que paira sobre todos: Broch faz questão de apontar que “nos consideramos normais”, que não temos em conta a “desintegração de nossa alma” e por isso “ansiamos por um líder que nos forneça as motivações para eventos que, sem ele, poderíamos apenas descrever como sem sentido” (Broch, 2016, p. 497). A utilização do pronome na primeira pessoa é reveladora da sua consciência acerca da falibilidade humana diante do mistério do mal, algo que também encontraremos em outros seus contemporâneos como Ety Hillesum e Vassili Grossmann, por exemplo. Essa é a ideia contida em *O Encantamento* no qual o próprio narrador, o médico, o letrado, o que aparentemente estaria à salvo da loucura coletiva, se sente envolvido a ponto de reconhecer os limites de sua condição profissional e intelectual para lidar com o enfeitiçamento provocado pelo líder Marius Ratti e pela massa clamando em uníssono pelo sacrifício da jovem, a qual, também enfeitiçada, se entrega ao holocausto. Esse ponto culminante da obra é onde se revela que a doença das massas, antes de ser psicológica e social, é uma doença da alma e de uma alma *pagã*, como diz Broch, que tem o assassinato como exigência para existir. Assassinato que se manifesta seja pelo sangue, seja pela técnica. Antecipando a ligação perigosa entre a morte e a tecnologia, onipresente em nossa era, Broch defende o centro da alma humana como portador da sacralidade e da divindade perdidas na adoração aos ídolos e, em um comentário ao *O Encantamento*, dirá:

só no centro do nosso ser está o sagrado, está a sacralidade de nossa vida, essa vida tão breve, mais breve a cada noite, que não é uma embriaguez nem uma máquina, mas um crescer de treva em treva, que abre pétalas e lança folhas, de não-nascido a não-nascido, renascimento de si mesmo: no centro do nosso ser estão as árvores sob a carícia do céu, e sopra o tempo, um suave mensageiro de ventos entre os infinitos, dos quais ele vem, para os quais sopra, um breve trajeto nos carregando como uma folha de outono, para que adivinhemos de onde despertamos e para onde morreremos, mensageiros de nós mesmos: só no centro de nosso ser está o saber, o saber daquilo de que o ser humano precisa para ser humano, está o saber de sua humanidade e sua cultura, está o devoto saber que é o saber da cultura e ao qual também Mãe Gisson pertence, não um saber do sangue nem da técnica mas saber do homem a respeito de si mesmo: no centro do nosso ser, só no seu centro, não no rumor escuro de suas fronteiras, nem no rumor do fundamental, nem no rumor do técnico, mas no ser de si mesmo, mora em nós o divino. (Broch, 1990, p. 258).

A sedução do líder encontra refúgio no interior da alma humana e se alimenta da cegueira espiritual marcada pela idolatria, seja em relação a uma ideia, seja em relação a

uma representação de Deus. Por isso mesmo, a alma é capaz de se moldar tão facilmente ao que Orwell (2009) chamou de *duplipensamento*, essa disfunção cognitiva que corresponde a um estado espiritual no qual tanto o terrorista isolado, o lobo solitário, quanto a massa enlouquecida, podem matar em nome de Deus, podem mesmo portar símbolos absolutamente contraditórios (os símbolos em um estado de crise de valores são degradados e perdem o sentido) como as armas em uma mão e a Cruz em outra, pensando estar salvando a si e ao mundo.

Ora, a sedução do líder se opõe à religião e Broch estabelece comparação entre o *fundador da religião* e o *demagogo demoníaco*, simbolizado por Marius Ratti. O primeiro conduz a humanidade, o segundo, conduz a massa; o primeiro através de sua ação torna-se um símbolo que elimina a angústia arquetipal do ser humano, o segundo é um *símbolo por sua própria pessoa terrestre*; o primeiro se submete à *razão divina, na qual ele reconheceu o bem supremo do homem*, já o *mago demoníaco* usa os meios da razão como um virtuose (ele é sempre um virtuose em termos técnicos), para realizar os valores do passado; o fundador de uma religião busca a ideia eterna da humanidade, o mago demoníaco busca a vitória através da agressão. A solução religiosa, diante da angústia humana, é para Broch, “a mais alta realização ética” do ser humano. Ao contrário, a “magia demoníaca” apesar de suas vitórias através de guerras, perseguições, *pogroms*, etc., da violência que a constitui e que está no cerne do fascismo, não elimina o pânico e nem a angústia que são invencíveis pela magia, sendo substituídos e atualizados a cada ameaça maior que atinja a massa (Broch, 2008a, p. 29-30).

4 A ESPERA

Nessa dimensão espiritual da obra de Broch encontraremos, então, dois tempos de espera pela vinda do Cristo. Um diz respeito à Sua primeira vinda, que se encontra em *A morte de Virgílio* onde o tempo do aguardo indica a era do *não mais e, todavia, ainda não*. Em uma resenha sobre essa obra, escrita para *The Nation*, em 1946, Hannah Arendt irá comentar tal época como sendo ““um espaço vazio”, uma espécie de terra de ninguém histórica”, momento de crise em que há o “declínio do velho”, por vezes de modo “catastrófico”, como testemunhado por ela e por Broch, e o “nascimento do novo (Arendt, 1994, p. 158). As demais obras de Broch, em meio ao apocalipse da primeira metade do século XX, apresentam, como para Yeats (1992), a espera pela segunda vinda, o tempo do Anticristo, o momento da escuridão, mas também da esperança.

Em *A Morte de Virgílio* Broch descreve uma Roma entre duas eras, uma cujos valores já estão destruídos e outra que ainda não chegou, mas que, profeticamente, Virgílio aponta no horizonte na *IV Écloga* que será interpretada poeticamente por Broch como a vinda salvífica do menino Jesus: em uma noite escura, na qual luze a constelação do Cruzeiro do Sul, há “um silêncio ainda mais profundo, e esse silêncio se fez espera, era a espera, silenciosa e prodigiosa em si mesma”; espera da qual “se irradiasse o divino, para sempre, anulando a perdição” (Broch, 1982, p. 232-233). Analistas, como Glenn Sandberg (1998), se referem principalmente ao messianismo judaico e à influência de Martin Buber e de Hermann Cohen sobre Broch. Outros, como Hannah Arendt, invocam um fundo espinosista, uma esperança de caráter panteísta e panlógica de redenção, “na qual eventualmente o início e o fim, o “nada” e o “universo” provarão ser idênticos”, em que tudo o que é virtualmente separado pertence ao Um Eterno (Arendt, 1949, p. 481-182). Entretanto, pode-se dizer que *A Morte de Virgílio* é, também, uma obra explicitamente marcada pelo cristianismo, como bem apontou Ted Gioia (2017) e pela simbólica em torno da espera pela Primeira Vinda do Cristo, a quem o poeta Broch, pelos lábios de Virgílio, faz louvor: “participar de Teu nome, de Teu rosto, de Teu clarão, ó Tu, o mais desconhecido, o mais invisível, o mais inefável, ao qual pertenco e hoje louvo e sempre louvarei” (Broch, 1982, p. 297-298).

Virgílio experiencia uma dupla espera: em relação à sua morte física, que dar-se-á em poucas horas, e em relação à era do Cristo que ele prenuncia:

A espera é tensão, é saber da plenitude, e nós, os que aguardamos, agraciados com a espera e a vigília, nós mesmos somos tensão, prestes a receber a plenitude. A aguardar entre as eras e, no entanto, também entre as beiras do tempo, as invisíveis, a aguardar entre as inacessíveis beiras da vida! Encontramo-nos na *ponte estendida entre invisibilidade e invisibilidade*, nós mesmos tensão e, todavia, levados pela corrente (Broch, 1982, p. 367, grifos meus).

Como bem destacou Arendt (1994, p. 161), esse é um conceito “grandioso de morte”, não como “calamidade”, não como “objetivo da vida”, mas como “tarefa”, a última tarefa do ser humano e, se é assim, a vida foi dada para que “permaneçamos para sempre” na ponte de que fala Broch.

Entretanto, Broch — que faz parte do grupo dos austríacos apocalípticos, Kafka, Musil, von Doderer (Osterle, 1971) — abordará um segundo tempo de espera: a que se dá em relação à Segunda Vinda do Cristo, tema que será retomado por diversas vezes ao longo de sua obra. Embora, como em Virgílio, o tempo seja de transição, este segundo aguardo ocorre em meio ao Apocalipse no qual se revelará a presença do Anticristo, do portador da máscara, do falso Cristo. O surgimento do Anticristo reside na degradação e na destruição do sistema

de valores presentes na Europa medieval. A apoteose do mal será revelada na adoração do líder pelas massas, as quais carregam consigo o sonambulismo, estado entre o sono e a vigília, situação existencial marcada pela ilusão, pela cegueira ética-espiritual onde prevalecem a morte, a bestialidade, o poder de destruição, a degradação espiritual, a calamidade, a dimensão infernal e, portanto, o mistério da iniquidade. Neste tempo as massas emergem como expressão do anti-humano; correspondendo a uma situação de falsidade da existência humana à qual Broch se refere como o “esvaziamento do ser”, à “vida na superfície, meramente impelida pela cobiça, desprovida e separada das suas raízes primordiais” (Broch, 1982, p. 31). Esses são também os elementos do *kitsch*¹⁰ que, para Broch, está muito além de uma manifestação estética, sendo antes a expressão da falência ética do ser humano, da doença espiritual que o acomete e que culminará na loucura das massas. O *kitsch* é a expressão estética dos tempos do Anticristo (Broch, 2002).

Ora, à semelhança de Platão, para Broch o belo e o bom, a estética e a ética devem coincidir, daí sua preocupação com uma *literatura ética*, ciente de que a beleza não pode jamais superar o estágio de espera marcado pela catástrofe, o tempo do *não mais e, todavia, ainda não*. É do destino do poeta, que não pode dar conta da iniquidade, que Broch, como Virgílio, tenta se livrar. Como lembra Arendt, sob a era do aguardo o poeta, “está fadado a cair na vulgaridade” (Arendt, 1994, p. 162), pois diante da tragédia só restam “formas vazias, com palavras ocas, e em tal ausência de discernimento e até de fidelidade, degrada a arte, a

¹⁰ A palavra *kitsch* vem do alemão *kitschen* que significa atravancar, fazer coisas novas com velhas. Uma outra palavra derivada, *verkitschen*, tem um sentido pejorativo significando trapacear (Moles, 1972, p. 4). Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986, p. 998), “diz-se de material artístico, literário, etc., considerado como de má qualidade, em geral de cunho sentimentalista, sensacionalista, imediatista, e produzido com o especial propósito de apelar para o gosto popular”, ou nas palavras de José Guilherme Merquior, “o *kitsch* é a estética do digestivo, do ‘culinário’, do agradável-que-não-reclama-raciocínio. O *kitsch* faz cosquinhas na boa consciência do homem ‘médio’, que detesta pensar, [...]” (Merquior, 2016, p. 46). Considerada como tudo aquilo que diz respeito à ostentação, ao mau gosto e à vulgaridade, a estética do *kitsch* evoca a sentimentalidade e a falsificação. Produto da era industrial e do surgimento das grandes lojas de departamentos e magazines, exalta a busca pelo decorativo típica dos trabalhos produzidos para o consumo e a felicidade das massas (Moles, 1972). O *kitsch* encontra seu impulso com a criação das grandes lojas de departamentos, tendo origem no *Bon Marché* surgido no século XIX em Paris. Walter Benjamin (1999), Theodor Adorno (2011), entre outros, o estudaram, associando-o à ideologia para a manutenção do *status quo*. Milan Kundera (2017), ecoando Hermann Broch, viu no *kitsch* o “mal estético supremo” (Kundera, 2007, p. 45); uma estética que busca, sob a máscara da beleza, a erradicação do humano e de sua fragilidade, impondo um mundo falso que se adequa politicamente tanto aos líderes comunistas quanto capitalistas. O resultado final da aparente inocência desses objetos, músicas, imagens, filmes, etc. de massas, seria, como ele apontou, o *gulag*. Não à toa, Broch diria que, pelo fato de o *kitsch* representar a falsidade, políticos como Hitler o adoram pois buscam as lágrimas e a emoção das massas (Broch, 1969, p. 65). Ligando a ética à estética, todos esses autores acabam por associar o *kitsch* ao mal. Broch, porém, que dedica vários ensaios ao assunto, diferentemente dos demais, irá conferir a esse mal uma feição religiosa-apocalíptica associando-o ao Anticristo.

ponto de transformá-la em antiarte, e a poesia, convertendo-a em literatice” (Broch, 1982, p. 158).

A beleza no tempo de espera é uma província vazia (Arendt, 1994, p. 162), mas, em *A Morte de Virgílio*, o futuro que virá, com a chegada do menino Jesus, será o da “beleza que terá novamente o direito de viver na lei, na lei do deus desconhecido, defensor do juramento[...]” (Broch, 1982, p. 434). A beleza vazia será substituída por uma beleza vinculada à verdade do Cristo. Isto, certamente, ecoa *O Idiota* de Dostoievski (2020), onde a beleza que salvará o mundo é a beleza crística, o mais elevado ideal de beleza, que se contrapõe à beleza carnal, sensual e destrutiva que, em vez de elevar, rebaixa o homem (Jackson, 2013, p. 167) como é o *kitsch* para Broch. Seu equivalente encontraremos também na noção de máscara, elaborada por Pavel Florenski que diz respeito à expressão estética de uma realidade espiritual maléfica mais profunda, um “cadáver astral, ‘vazio’, *inanis*, um cliché sem substância deixado pelos mortos, ou seja, uma força escura, impessoal, vampiresca, que busca sangue fresco e um rosto vivo para manter-se e ganhar vida” (Florenski, 2016, p. 55).

O *kitsch* corresponde esteticamente ao fenômeno da loucura das massas. Estas são como cadáveres astrais. Nelas o ser humano porta uma máscara sob a qual encontra-se o vazio, falsamente suprido pela adoração ao líder e pelos falsos valores - todos sob a impostura, sob um falso sistema de valores que se apresenta como verdadeiro:

Em outras palavras, dentro de cada sistema de valores existe outro sistema completamente idêntico que, traço por traço corresponde completamente ao original e ainda assim é o seu oposto, pois falta-lhe a visão em direção a um objetivo de valor infinito; é a máscara do Anticristo, que carrega as características do Cristo, e não obstante é o Mal (Broch, 2002, p. 28)¹¹.

O sistema de valores do “conservadorismo”, da “reação”, que caracteriza o nazifascismo baseia-se em um passado transformado em “um falso objetivo de valor” e elevado a “um Anti-Deus, o portador do mal, cujas exigências antiéticas intervêm dogmaticamente na evolução viva do sistema original e de sua autonomia”¹² (Broch, 2002, p. 30). Os símbolos nazifascistas da raça, da família, da pátria, da terra, necessitam de uma

¹¹ In other words, within every value-system there exists another completely identical system, which trait for trait completely matches with the original and yet is its opposite, for it lacks its view toward an infinite value-goal. It is the mask of the Antichrist, who bears Christ's features but is Evil nonetheless.

¹² And it is the system of “reaction” in the value-system of conservatism. For the “aesthetic demand” is based on the past per se, which transposes it into a value-goal, a “false” value-goal, and elevates it into a false value subject, to an Anti-God, the bearer of evil, whose anti-ethical Evil in the Value-System of Art demands dogmatically intervene in the living evolution of the original system and its autonomy.

expressão estética e “precisamente porque é assim que funciona a ‘demanda estética’, torna-se missão do *kitsch* como fenômeno estético ser o representante do eticamente mau” (Broch, 2002, p. 31)¹³. O encantamento do líder, e a patologia das multidões que o seguem, estão sediados nessa inversão da esfera dos valores, onde as massas são portadoras de um caráter antilógico. Em épocas de loucura de massas “o fantástico se transforma em realidade lógica” e “a realidade se dissolve na mais ilógica das fantasmagorias” (Broch, 2016, p. 482), algo que no século XXI será levado às estratosferas em razão do avanço tecnológico que reconfigura materialmente as massas, transformando-as em *virtuais*, onde à praça, ao cinema e ao rádio, da época de Broch, se somam as redes sociais e a internet; onde o *Kitsch* se eleva e se expande de forma absolutamente veloz. Porém, como no tempo de Broch, no século XXI “uma época, covarde e mais doente que qualquer das anteriores se embebeda de sangue e de gases venenosos” (Broch, 2016, p. 482)¹⁴. Nesse cenário, no tempo de espera pela Segunda Vinda, é abordado o tema do Anticristo, presente e recorrente na abordagem que faz Broch do adoecimento das massas. O Anticristo surge quando o sistema de valores do Mal se amplia:

Quanto mais o Mal estiver presente no mundo, mais perfeita será a imitação do Cristo pelo Anticristo e mais ameaçador será o sistema de valores do Anticristo, um sistema que só pode ser integral porque integral é o sistema da Igreja; o próprio Mal revela-se indivisível e homogêneo, tão indivisível e homogêneo quanto a verdade por ele imitada e a ele oposta (Broch, 2016, p. 829)¹⁵.

Vinculado à mentira e à falsificação, quase sempre grotesca, o Anticristo se generaliza por todo o sistema social, como o absinto da simbólica do Apocalipse, contaminando todas as águas, sem exceção (Mendonça, 2022). Segundo Broch,

o sistema de imitação está em toda parte, seja nos mercenários financeiros incorporados ao sistema de comércio, ou no esnobismo que caracteriza uma sociedade feudal, ou no sistema de imitação do *kitsch* dentro do sistema de valores da arte. Todas estas são, embora em miniatura, imagens do sistema do Anticristo (Broch, 2002, p. 30)¹⁶.

A um sistema de valores que confere uma organização ao mundo, se opõe um outro sistema, baseado na adulteração, na falsificação e na irracionalidade própria do mal, onde

¹³ And precisely because this is how “esthetic demand” functions, it becomes the mission of kitsch as an esthetic phenomenon to be the representative of the ethically evil.

¹⁴ Una época, cobarde y más doliente que cualquiera de las anteriores, se emborracha de sangre y de gases venenosos.

¹⁵ Cuanto más a sus anchas se instale el Mal en el mundo, tanto más perfecta será la imitación de Cristo por parte del Anticristo y más amenazador será el sistema de valores del Anticristo, sistema que sólo puede ser un sistema integral porque integral es el sistema de la Iglesia; el propio Mal resulta indivisible y homogéneo, tan indivisible y homogéneo como la verdad por él imitada y opuesta a él.

¹⁶ The imitation system is everywhere, whether it is the financial mercenaries that are built into the system of commerce, or the snobbism that characterizes a feudal society, or the imitation system of kitsch within the value-system of art; All these are, although in miniature, images of the system of the Antichrist.

“a fé torna-se mera moralização à medida que é arrastada da esfera do ético para a do estético, e o imperativo infinito da fé é degradado em um imperativo estético” (Broch, 2002, p. 30). Novos sistemas parciais são criados - como o protestantismo, o nacionalismo, o capitalismo, lutas ideológicas de diversas ordens, etc.- que concorrem para a degradação de valores até se chegar a um momento em que emergiria a guerra de todos contra todos, a guerra apocalíptica que já fora prefigurada, também por Dostoiévski, em *Crime e Castigo*, no sonho de Raskolnikov onde “aldeias inteiras, cidades e povos inteiros foram contagiados e enlouqueceram” destruindo-se uns aos outros (Dostoiévski, 2009, p. 665).

A presença do Anticristo dominando todos os sistemas de valores corresponde ao “nada absoluto” e à destruição apocalíptica — “o dia fatídico, dir-se-á que deverá ocorrer uma catástrofe global, que esmagará toda a renovação humana” (Broch, 2008 a, p. 154)¹⁷ — da qual tem consciência o profeta que, para Broch é portador de “uma inconsciência lúcida, um conhecimento inconsciente, e suas imagens crepusculares” e que é também, para Broch, o arauto do Apocalipse pois “não há profeta da felicidade, só existem profetas da desgraça”. (Broch, 2008 a, p. 153)¹⁸. Porém, no cenário do fascismo o que se tem é o “falso profeta”, que, em razão de “sua inteligência superior e de seu satanismo, constitui ele mesmo um aspecto do estado apocalíptico do mundo” (Broch, 2008 a, p. 154). Para Broch, o falso profeta tem, por vezes, a mesma capacidade de predição do profeta verdadeiro, porém, ao contrário deste, busca a destruição e o poder. Para isso, concede um caráter irrevogável à profecia, já que não tem nenhum compromisso com a ética, apenas com o poder. Ao contrário, o verdadeiro profeta não vê uma inevitabilidade no destino humano profetizado, mas antes um castigo que pode ser evitado se a humanidade mudar. Essa visão da condicionalidade do conhecimento profético também a tem o judaísmo de Martin Buber, para quem, na profecia, como uma forma de relação com o Tu Eterno, o indivíduo se encontra diante da possibilidade de tomar uma decisão ética e, assim, evitar o castigo (Buber, 2000, p. 174; Mendonça, 2022, p. 4). Assim, para Broch, a verdadeira profecia tem compromisso com a tarefa ética de salvar a humanidade. Ao falso profeta corresponde, no plano literário, o estetismo vazio do *kitsch*; ao verdadeiro profeta corresponde a poesia como aponta Broch. Ele próprio, de um modo inconsciente e lúcido, um exemplo do encontro

¹⁷ [...] ce jour fatidique, on dira qu’une catastrophe globale doit se produire, qui broiera tout renouveau humain, parce que les survivants n’en sortiront qu’à l’état d’animaux stupides, incapables pendant des générations de produire la moindre avancée de la connaissance, inaptés à toute sagesse, inapte à l’humain.

¹⁸ Etroitement apparentée à la sagesse, la prophétie repose sur l’autoconnaissance de l’existence crépusculaire, elle est une lucide inconscience, un savoir inconscient, et ses images crépusculaires – comparables à celles du poète, mais portées par un pressentiment plus puissant – sont puisées à la conscience de l’existence crépusculaire de l’homme et de la menace apocalyptique qui pèse sur elle. Il n’y a pas de prophète de bonheur, il n’y a que des prophètes de malheur.

entre literatura e profecia, companheiras de longa data. A dimensão profética de sua obra pode ser interpretada, acreditamos, a partir da palavra bíblica, especialmente do Evangelho de São João, como também ocorre em Dostoievski. Profecia e literatura neles se encontram em razão do caráter dialógico, no sentido buberiano, da mentalidade do artista, capaz de entrar em contato com realidades profundas ainda não percebidas pela sociedade de seu tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, Broch é um poeta e um pensador cuja religiosidade possui fortes acentos cristãos e platônicos. Platão, para quem, como ressalta Miguel Garcia-Baró, “o estádio estético é o caminho possivelmente ascendente da existência” e a arte “o começo da escada de Jacó, a porta mais externa do castelo dos céus, o primeiro recinto de fortificação da cidade de Deus” (Garcia-Baró, 2007, p. 18). Ora, para Platão, como ressalta Miguel Garcia-Baró, “o estádio estético é o caminho possivelmente ascendente da existência” e a arte “o começo da escada de Jacó, a porta mais externa do castelo dos céus, o primeiro recinto de fortificação da cidade de Deus” (Garcia-Baró, 2007, p. 18). Também para Broch, a arte é o caminho para a alma humana cuja “necessidade metafísica não pode ser silenciada” e o caminho para ela “sempre foi a literatura, a literatura em sua missão de busca de Deus” (Broch, 2008 b, p. 89).¹⁹

Essa percepção é que rege a sua busca de compreensão do mal a partir de uma percepção espiritual, para além das dimensões psicológica e sociológica da análise do sistema de valores e da loucura de massas. Sua caminhada entre a racionalidade e a mística revela a busca do absoluto que ele sabia residir no interior de cada subjetividade, ou como disse seu personagem Hieck em *A Grandeza Desconhecida*, “na solidão do coração tudo é absoluto, não há nenhum valor de aproximação, aí vale simplesmente a lei”²⁰ (Broch, 2020).

Em sua fase final, Broch em uma posição, como diz Sidler, “pós-metafísica, porém metafísica” (Sidler, 219, p. 220), expressará essa religiosidade na imagem do “absoluto terreno”, princípio ético que condena absolutamente toda a escravidão entre os seres humanos e que, segundo ele, regerá no futuro a democracia e os direitos humanos criando

¹⁹ Sin embargo, la necesidad metafísica no puede silenciarse; si esto fuera posible, no habría filosofía, ni siquiera positivista. Y si cierra la esfera religiosa, en la que tiene su validez general, hay que encontrarla en donde está arraigada eterna y imborrablemente, es decir, em el alma del individuo: el acceso a ella fue siempre la literatura, la literatura em su misión de búsqueda de Dios.

²⁰ [...] en la soledad del corazón todo es absoluto, ahí no hay ningún valor de aproximación, ahí vale la ley sin más.

um direito que “deve ter uma dimensão transcendental” através do qual o homem “se reaproximará da imagem divina” (Broch, 2008 a, p. 434). Esse absoluto que apela para um Deus imanente às simples práticas humanas decentes, evidencia, mais uma vez, o fundo cristão de Broch, ressaltado por Hannah Arendt:

Mesmo quando se volta para o positivismo lógico (ainda que seja um positivismo lógico de tipo altamente idiossincrático e original), Broch se apegava à sua convicção inicial basicamente cristã de que a morte e a perecibilidade estão enraizadas no mundo, mas a imortalidade e a eternidade estão ancoradas no eu, de modo que a vida que nos parece mortal é, na verdade, imortal, e o mundo que nos parece eterno na verdade é vítima da morte (Arendt, 2008, p. 164).

Finalizamos com um excerto de um poema seu em *Os inocentes*, lançado no pós-guerra, onde Broch reelaborando temas trabalhados antes, retoma a presença de um Deus imanente à ética humana, em atitudes simples envolvendo a crucial não-indiferença ao mal:

Pois somente na santidade, só nela,
encontra o homem a convicção
sem a qual nada faria sentido,
a convicção da veneração
que se dirige ao mais alto e que,
precisamente por isso, é a pura simplicidade sobre a Terra:
ajudar o próximo é bom, o assassinato é mau,
simplicidade do absoluto.
Todo santo luta por esse absoluto,
aproxima-se do martírio e, atraindo para si
a vida simples, a eleva à santidade,
rumo à única convicção suportável,
rumo à pureza mais simples [...] (Broch, 2014, p. 48)²¹

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor H. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 2011.

ARENDRT, Hannah. The Achievement of Hermann Broch. **The Kenyon Review**, v. 11, n. 3 (Summer, 1949), pp. 476-483. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4333072>. Acesso em: 23 dez 2023.

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Trad. R. Raposo. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1983.

²¹ Pues sólo en la santidad, sólo en ella, / encuentra el hombre la convicción/ sin la cual nada tendría sentido, / el convencimiento de la veneración/ que se dirige a lo más grande y que, / precisamente por ello, es la pura sencillez sobre la tierra:/ la ayuda al prójimo es buena, el asesinato malo, / sencillez de lo absoluto. / Todo lo santo lucha por este absoluto, / se acerca al martirio y, atrayendo hacia sí/ la vida simple, la eleva hacia la santidad, / hacia la única convicción soportable, / hacia la pureza más sencilla. [...].

- ARENDDT, Hannah. **Essays in understanding**: 1930-1954. New York: Harcourt Brace & Company, 1994.
- ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **The Arcades Project**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999.
- BROCH, Hermann. Notes on the problem of kitsch. In: DORFLES, Gillo (org.) **Kitsch**: An anthology of bad taste. London: Studio Vista Limited, 1969, p. 49 a 76.
- BROCH, Hermann. **A Morte de Virgílio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BROCH, Hermann. **O encantamento**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- BROCH, Hermann. **Geist and Zeitgeist**: The Spirit in an Unspiritual Age. New York: Counterpoint, 2002.
- BROCH, Hermann. **Théorie de la folie des masses**. Paris, Tel-Aviv: Editions de l'Éclat, 2008a.
- BROCH, Hermann. **Autobiografía psíquica**. Buenos Aires: Losada, 2008b.
- BROCH, Hermann. **Los Inocentes**. Madrid: Debolsillo, 2014.
- BROCH, Hermann. **Trilogía de Los sonámbulos**. Madrid: Penguin Random House Grupo Editorial España, 2016. Edição do Kindle.
- BROCH, Hermann. **El valor desconocido**. Madrid: Editorial Sexto Piso, 2020.
- BUBER, Martin. **On the Bible**: Eighteen Studies. Syracuse: University Press, 2000.
- CLIVER, Gwyneth. Limits of the Scientific: Broch's Die Unbekannte Grose. In: BARTRAM, Graham; MCGAUGHEY, Sarah; TIHANOV, Galin (orgs.). **A Companion to the Works of Hermann Broch**. Rochester, N.Y.: Camden House, 2019, p. 108-122.
- CORREIA, Adriano. O significado Político da Natalidade: Arendt e Agostinho. In: CORREIA, Adriano e NASCIMENTO, Mariângela (ORG.) **Hannah Arendt**: Entre o passado e o futuro. Juiz de Fora: UFJF, 2008.
- DOSTOIEVSKY, Fiódor. **Os Possessos**. 3 volumes. Lisboa: Editora Europa América, 1999.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Idiota**. São Paulo: Editora 34, 2020.
- FLORENSKI, P. **El Iconostasio**, Una Teoría de la Estética. Ediciones Sígueme, Salamanca, 2016.

- FRANK, Joseph. **Dostoievski: o Manto do Profeta (1871-1881)**. São Paulo: Edusp, 2008.
- GARCIA-BARÓ, Miguel. **De Estética y Mística**. Salamanca: Sígueme, 2007.
- GIOIA, Ted. A great Catholic avant-garde novel, and why it is surprisingly relevant today. **America Magazine**. October 24, 2017. Disponível em: <https://www.americamagazine.org/arts-culture/2017/10/24/great-catholic-avante-garde-novel-and-why-it-surprisingly-relevant-today>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- HARDIN, Jr, James N. The Theme of Salvation in the Novels of Hermann Broch. **PMLA**, v. 85, n. 2 (Mar., 1970), pp. 219-227. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1261396>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira (1986).
- HOLLWECK, Thomas. Between Poetry and Philosophy: The Challenge of Hermann Broch. In: EMBRY, Charles R. (ed.). **Voegelinian Readings of Modern Literature**. Columbia: University of Missouri Press, 2011.
- JACKSON, Robert. L. **Close Encounters: Essays on Russian Literature**. Brighton, MA: Academic Studies Press, 2013.
- KUNDERA, Milan. **The Curtain**. London: Faber & Faber, 2007.
- KUNDERA, Milan. **A Insustentável Leveza do Ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MAGRIS, Claudio. **Utopia y desencanto**. Barcelona: Anagrama, 2004.
- MARCEL, G. **Los hombres contra lo humano**. Madrid: Caparrós Editores, 2001.
- MENDONÇA, Katia. Fé, máscara e vazio em Dostoievski: em torno de O Grande Inquisidor. **Estudos de Religião**, v. 34, n. 1 p. 131-153, jan.-abr. 2020.
- MENDONÇA, Katia. M. L. (2022). A simbólica do absinto na teopoética de Dostoievski, Tarkovsky e Czeslaw Milosz. **Reflexão**, v. 47, p. 1–17. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v47e2022a6064>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- MERQUIOR, José Guilherme. **Formalismo e Tradição Moderna**. São Paulo: É Realizações, 2016.
- MOLES, Abraham. **O Kitsch: a arte da felicidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- OLIVEIRA, Franklin. Entrada no alumbramento. In: BROCH, Hermann. **A Morte de Virgílio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OSTERLE, Heinz D. Hermann Broch, Die Schlafwandler: Revolution and Apocalypse. *PMLA*, v. 86, n. 5, 1971, pp. 946-958. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/461078>. Acesso em 20 nov. 2023.

RICOEUR, P. Pour um christianisme prophétique. In: **Les chrétiens et la politique (Dialogues)**. Paris: Temps Présent, 1948, p. 79-100.

SANDBERG, Glenn. Hermann Broch and Hermann Cohen: Jewish Messianism and the Golden Age. *Modern Austrian Literature*, v. 31, n. 2 (1998), pp. 71-80. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24648693>. Acesso em 12 nov. 2023.

SIDLER, Judith. From the “Tierkreis-Erzählungen” to Die Schuldlosen: The Creation of Broch’s Last Novel. In: BARTRAM, Graham; MCGAUGHEY, Sarah; TIHANOV, Galin. (orgs.). **A Companion to the Works of Hermann Broch**. Rochester, N.Y.: Camden House, 2019, p. 207-227.

STERLING, B. E. **Hermann Broch and Mass Hysteria: Theory and Representation in the Age of Extremes**. Rochester, New York: Camden House, 2022.

TIHANOV, Galin. Interrogating Modernity: Hermann Broch’s Post romanticism. In: BARTRAM, Graham; MCGAUGHEY, Sarah; TIHANOV, Galin. (orgs.). **A Companion to the Works of Hermann Broch**. Rochester, N.Y. : Camden House, 2019, p. 73-90.

YEATS, W.B. A Segunda Vinda. In: **Poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 93.

Apoio: Trabalho apoiado por Bolsa de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Processo nº: 307573/2021-4.

Contribuição na coautoria: *Concepção e planejamento do estudo: KMLM, ICNO. Coleta, análise e interpretação dos dados: KMLM, ICNO. Elaboração ou revisão do manuscrito: KMLM, ICNO. Aprovação da versão final: KMLM. Responsabilidade pública pelo conteúdo do artigo: KMLM*

Conflito de interesses: *As autoras declaram não haver conflito de interesses.*

Recebido em: 01-05-2024.

Aprovado em: 04-12-2024.

Editor de seção: Flávio Senra